

--

**Discurso do secretário-geral da ONU, António Guterres, na Assembleia Geral da ONU
Nova Iorque, 24 de setembro de 2019**

Senhor presidente,
Distintos chefes de estado e de governo,
Excelências,
Colegas e amigos,

A Carta das Nações Unidas tem uma mensagem clara para todos nós: colocar as pessoas em primeiro lugar. As primeiras palavras da Carta – “nós, os povos” - convocam para colocar as pessoas no centro do nosso trabalho. Todos os dias. Em todos os lugares.

Pessoas com ansiedades e aspirações. Pessoas com desgostos e esperanças. Acima de tudo, pessoas com direitos.

Estes direitos não são um favor para ser recompensado ou retido. Eles são um dote por simplesmente sermos humanos.

Ao longo da primeira metade do meu mandato, tive a oportunidade de encontrar pessoas ao redor do mundo – não em douradas salas de reuniões, mas onde elas vivem, trabalham e sonham.

E tenho ouvido de famílias do Pacífico Sul que elas temem que suas vidas sejam levadas pelo aumento do nível dos mares.

Jovens refugiados do Oriente Médio anseiam para voltar para a escola e para casa. Sobreviventes de ébola no norte de Kivu (Congo) lutam para reconstruir suas vidas.

Mulheres demandam igualdade e oportunidade. Pessoas de diferentes crenças e tradições que sofrem simplesmente por serem quem são. E tantos outros.

Nós vivemos num mundo de inquietação.

Muitas pessoas têm medo de serem pisoteadas, prejudicadas, deixadas de fora e deixadas para trás. Máquinas fazem seus trabalhos. Traficantes tiram sua dignidade. Demagogos retiram seus direitos. Senhores da guerra retiram suas vidas. Combustíveis fósseis retiram seus futuros.

E ainda assim as pessoas acreditam no espírito e nas ideias que nos trazem a este salão. Elas acreditam nas Nações Unidas. Mas por que acreditam em nós?

Elas acreditam que os líderes colocam as pessoas em primeiro lugar. Nós, líderes, devemos apresentar para nós, as pessoas.

Excelências,

As pessoas têm o direito de viver em paz. Um ano atrás, nesta sala, falei sobre os ventos da esperança, apesar do caos e da confusão no mundo.

Desde então, algumas daquelas correntezas continuaram a se mover em direções promissoras.

Contrariando as expectativas de muitos, eleições ocorreram pacificamente em Madagascar, nas Maldivas e na República Democrática do Congo, apenas para citar algumas. Grécia e a República do Norte da Macedônia resolveram a disputa que durava décadas. Diálogo político no Sudão e no processo de paz da República Centro Africana trouxeram esperança renovada.

E um longo passo à frente acaba de ser tomado no caminho político para a saída da tragédia na Síria, em linha com a resolução 2254 do Conselho de Segurança. Como anunciei ontem, um acordo foi alcançado entre todas as partes envolvidas para a criação de um Comitê Constitucional crível, equilibrado, inclusivo, formado e liderado por sírios.

Meu enviado especial acaba de deixar Damasco, depois de finalizar os últimos detalhes com o governo e a oposição. As Nações Unidas aguardam ansiosamente para o encontro do Comitê em Genebra, nas próximas semanas.

Excelências,

Apesar do cenário global, vemos conflitos persistindo, terrorismo se espalhando e o risco de uma nova corrida armamentista crescendo.

Interferência externa, com frequência violando resoluções do Conselho de Segurança, torna os processos de paz mais difíceis.

E muitas situações permanecem não resolvidas, do Iêmen até a Líbia, do Afeganistão e além.

Uma sucessão de ações unilaterais ameaça torpedear a solução baseada em dois estados entre Israel e Palestina. Na Venezuela, quatro milhões de pessoas deixaram o país – um dos maiores deslocamentos do mundo.

Tensões se elevaram no sul da Ásia, onde diferenças precisam ser abordadas através do diálogo.

Enfrentamos possibilidades alarmantes de conflito armado no Golfo, com consequências que o mundo não pode suportar. O ataque recente às bases petrolíferas da Arábia Saudita foi totalmente inaceitável.

Num contexto em que um pequeno erro de cálculo pode levar a uma confrontação maior, precisamos fazer de tudo para buscar razão e contenção.

Espero por um futuro em que todos os países da região possam viver em estado de respeito mútuo e cooperação, sem a interferência de outros – e espero igualmente que será possível preservar o progresso de não proliferação nuclear representado pelo Plano de Ação Conjunto Compreensivo.

Excelências,

Desde o primeiro dia tenho enfatizado a prevenção de crise, a mediação e o aumento da diplomacia para a paz. Considerem as vidas que podem ser salvas por intensificar nossos investimentos na manutenção da paz ao redor do mundo.

Em alguns dos lugares mais turbulentos do mundo, cerca de 100 mil soldados das forças de paz da ONU protegem os civis e promovem a paz.

Através da iniciativa Ação para Forças de Paz, estamos reforçando nossa eficácia e eficiência e renovando parcerias com tropas – e polícia – de países contribuintes, países anfitriões e organizações regionais, como a União Africana e a União Europeia.

Também tenho orgulho de nossos trabalhadores humanitários que aliviam o sofrimento ao redor do mundo. Metade de toda a ajuda internacional é canalizada através das Nações Unidas, garantindo que milhões recebam proteção, alimento, remédios, abrigo, água e outros tipos de assistência que salvam vidas.

Somente neste ano, em ataques brutais e outras circunstâncias, perdemos pelo menos 80 capacetes azuis e trabalhadores humanitários, que deram suas vidas para tentar melhorar a vida de outros. Eu respeito o serviço e sacrifício deles.

Excelências,

Temos reforçado a arquitetura contra o terrorismo e definido novas estratégias para enfrentar o extremismo violento e suas raízes, respeitando os direitos humanos. E tenho colocado em marcha a nova agenda de desarmamento para avançar pela paz global.

No curto prazo, o acordo “Novo Começo” deve ser estendido e devemos trabalhar para abordar a intensificada ameaça posta pelos mísseis balísticos e garantir uma bem-sucedida revisão do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares em 2020.

A situação na Península Coreana continua incerta. Apoio completamente os esforços rumo a uma nova cúpula entre o presidente dos Estados Unidos e o líder da República Popular Democrática da Coreia.

Neste tempo de transição e disfunção das relações de poder globais, há um novo risco pairando no horizonte que pode não ser grande, mas é real.

Temo a possibilidade de uma Grande Fratura: o mundo se dividindo em dois, com duas das maiores economias na terra criando dois mundos separados e competitivos, cada um deles com sua moeda dominante, regras financeiras e de comércio, sua própria internet e capacidades de inteligência artificial e suas próprias estratégias militares e de geopolítica zero.

Precisamos fazer todo o possível para evitar a Grande Fratura e manter um sistema universal – uma economia universal, com respeito universal pela legislação internacional; um mundo multipolar com fortes instituições multilaterais.

Excelências,

As pessoas têm o direito à segurança em todas as suas dimensões. Cada medida para garantir os direitos humanos ajuda a proporcionar desenvolvimento sustentável e paz.

No século 21, devemos ver os direitos humanos com a visão que fala a cada um e a todo ser humano e que englobe todos os direitos. Econômicos. Sociais. Culturais. Políticos. Civis.

Seria um erro ignorar ou diminuir os direitos econômicos, sociais e culturais. E seria também igualmente enganoso pensar que estes direitos são suficientes para garantir o chamado das pessoas pela paz.

Os direitos humanos são universais e indivisíveis. Não podemos pegar e escolher, favorecendo alguns e desdenhando de outros.

As pessoas têm o direito ao bem-estar e padrões dignos de vida. Com saúde, casa e comida. Proteção social e meio ambiente sustentável.

Educação – não apenas aprender, mas aprender como aprender. E trabalhos decentes, especialmente para os mais jovens.

Os direitos permeiam a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. E eles estão entre as nossas melhores ferramentas para prevenir conflitos.

Ainda assim não estamos no caminho certo.

A desigualdade está explodindo.

Nossa economia global gera grandes quantidades de renda, mas a prosperidade é capturada por um número pequeno de elites.

É um triste fato que em nosso mundo hoje as chances de alguém ter uma vida livre e com plena dignidade humana ainda depende mais das circunstâncias de seu nascimento do que suas próprias capacidades.

Hoje a Cúpula dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – e na quinta-feira o diálogo sobre financiamento – são oportunidades para reforçar a ambição, incluindo ao utilizar a promessa de tecnologia e inovação, como foi recomendado pelo Painel de Alto Nível em Cooperação Digital.

Excelências,

Como enfatizado ontem na Cúpula de Ação do Clima, a emergência climática é uma corrida que estamos perdendo – mas é uma corrida que podemos ganhar se mudarmos agora nossos hábitos.

Até a nossa língua tem que se adaptar: antes chamada mudança climática agora é, na verdade, uma crise climática.

Temos visto temperaturas sem precedentes, tempestades implacáveis, a ciência inegável. Dez dias atrás, nas Bahamas, vi a ruína provocada pelo furacão Dorian. A consequência é mais um prelúdio do que a ciência nos avisa que está a caminho.

Mas há algo mais no caminho: soluções.

O mundo começa a se mover – não rápido o suficiente, mas na direção correta – para longe dos combustíveis fósseis e ao encontro de oportunidades da economia verde.

A Cúpula do Clima destacou algumas das soluções que precisamos implementar para reduzir dramaticamente as emissões, manter o aumento da temperatura em 1,5º C e alcançar a neutralidade de carbono até 2050.

Precisamos construir este impulso.

Excelências,

As pessoas têm direito a liberdades fundamentais que cada país prometeu defender. Ainda assim, estamos numa conjuntura crítica onde avanços feitos nas últimas décadas estão sendo restringidos e revertidos, mal interpretados e vistos com desconfiança.

Vemos uma abrangente impunidade, incluindo por violações de legislação humanitária internacional. Novas formas de autoritarismo estão surgindo. O espaço civil está encolhendo.

Ativistas ambientais, defensores de direitos humanos, jornalistas e outros estão se tornando alvos.

E sistemas de vigilância aumentam seus alcances dia após dia, clique por clique, câmera por câmera, invadindo nossa privacidade e nossas vidas pessoais.

Estas violações vão além da quebra de regras aplicáveis ao comportamento de estados e de negócios.

Eles também atuam num nível mais profundo, desfiando o tecido de nossa humanidade comum.

Num tempo em que há números recordes de refugiados e deslocados, a solidariedade está fugindo.

Vemos não apenas fronteiras, mas corações fechando – e famílias de refugiados são despedaçadas e o direito de busca por asilo é quebrado.

Precisamos reestabelecer a integridade do regime de proteção internacional de refugiados e cumprir as promessas de responsabilidade compartilhada que foi acordada no Pacto Global de Refugiados.

Precisamos também construir o marco de ação do primeiro Pacto Global da Migração, em dezembro último.

Isto significa reforçar a cooperação internacional para uma migração segura, ordenada e regular e combater os criminosos e traficantes que enriquecem às custas das pessoas vulneráveis.

Todos os migrantes devem ter seus direitos humanos respeitados.

Excelências,

Ao redor do mundo, alienação e desconfiança estão sendo armadas. O medo hoje é a marca mais vendida.

Por isso lancei duas iniciativas.

Primeiro, uma estratégia ampla das Nações Unidas para combater o discurso do ódio.

Segundo, um plano de ação para apoiar e proteger locais religiosos e garantir o direito à liberdade religiosa.

Minorias religiosas e étnicas devem usufruir plenamente dos direitos humanos.

Isto requer forte investimento na coesão social, para garantir que comunidades diversas sintam que suas identidades são respeitadas e que eles participam da sociedade plenamente.

Para aqueles que insistem na opressão ou divisão, eu digo: diversidade é uma riqueza, nunca uma ameaça.

É inaceitável que no século 21 mulheres e homens sejam perseguidos por conta da sua identidade, crença ou orientação sexual.

Devemos assegurar os direitos das pessoas vulneráveis e marginalizadas.

Neste ano eu lancei a primeira Estratégia das Nações Unidas para Inclusão de Deficientes.

E, claro, a mais disseminada manifestação de discriminação que afeta metade da humanidade: mulheres e meninas.

Nunca esqueçamos que a igualdade de gênero é uma questão de poder. E poder ainda está majoritariamente nas mãos dos homens, como se vê em parlamentos, em empresas, e até mesmo esta semana nos corredores e salas de reuniões da ONU.

Precisamos mudar a relação de forças quando realmente vemos os direitos das mulheres e a representação como um objetivo em comum.

É por isto que tenho trabalhado para garantir a paridade de gênero nas Nações Unidas, ao lado de balanço regional. Hoje alcançamos a paridade dentro do Grupo de Gerentes Sêniores e entre aqueles que lideram o trabalho da ONU nos países.

Excelências,

Não descansarei até que tenhamos alcançado a paridade de gênero em todos os níveis dentro da ONU – e igualdade completa para mulheres e meninas ao redor do mundo.

Isto significa continuar persistindo contra o recuo dos direitos das mulheres.
Significa gritar contra preocupantes ataques terroristas, ideologias extremistas e crimes brutais: a violenta misoginia dos agressores.

E isto significa aumentar esforços para expandir oportunidade.

Com as tendências atuais, levará dois séculos para acabar com a lacuna do empoderamento econômico. Não podemos aceitar um mundo que diz para as minhas netas que a igualdade deverá esperar pelas netas das netas delas.

Excelências,

Enquanto continuamos todo este trabalho vital, lancei reformas ambiciosas para fazer as Nações Unidas mais efetivas. Conto com vocês para colocar nossa Organização em pé de sólida situação financeira.

Em um mundo cada vez mais dividido, precisamos da ONU fortalecida.

No próximo ano teremos o 75º aniversário das Nações Unidas – um momento crítico para renovar nosso projeto comum.

Os problemas que enfrentamos são reais.

Mas há esperança.

Enquanto lutamos para servir as pessoas, podemos ser inspirados pelas pessoas.

Nos últimos dois anos e meio, também passei tempo com garotas africanas aprendendo cifras..
com professores ensinando a jovens novas habilidades para o futuro deles..
e com empreendedores de muitas áreas que estão levando o mundo, de inovação em inovação, para uma economia verde.

Eles e tantos outros estão ajudando a construir o futuro que queremos.

As aspirações e os direitos humanos devem ser sempre nossa base.

Estamos aqui para servir.

Estamos aqui para avançar rumo a um bem comum, enquanto mantemos nossos valores e humanidade compartilhados.

A visão que uniu os fundadores da nossa Organização.

Em um tempo de divisão precisamos nos reconectar com aquele espírito.

Precisamos restaurar a confiança, restabelecer a esperança e seguir adiante, juntos.

Obrigado.